



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Dossiê “Poesia Russa”

Dossier “Russian Poetry”

Autores: Letícia Mei e Mário Ramos
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 24
Publicação: Maio de 2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.212324>

MEI, Letícia; RAMOS, Mário
Dossiê “Poesia Russa”.

RUS, São Paulo, v. 14, n. 24, pp. 14-19, 2023.



Dossiê:

Poesia Russa

Letícia Mei* e Mário Ramos** (org.)

* Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais, Doutora em Literatura e Cultura Russa. <https://orcid.org/0000-0002-9315-1857>; leticiamei@hotmail.com

** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais, professor da área de Língua e Literatura Russa. <http://lattes.cnpq.br/9853239964038317>; <https://orcid.org/0000-0002-3277-9341>; mariofrancisco@usp.br

Dos poetas clássicos do século XVIII à diversidade da lírica contemporânea, sem deixar de necessariamente passar por Aleksánder Púchkin, que oferta uma dicção russa à poesia de sua língua, e ao mesmo tempo faz da poesia a grande voz da Rússia, não seria arriscado afirmar que poucas culturas valorizam tanto esse gênero, a ponto de torná-lo importante fonte de orgulho nacional, bem como razão de acalorados debates e meio de expressão para outros tantos. Quando Dostoiévski, o prosador, discursou sobre Púchkin à Sociedade dos Amantes das Letras Russas, colocando o autor como grande fenômeno profético do espírito russo, unidade e ponto culminante daquela cultura, era sobre o poeta Púchkin que ele falava. Em todos os momentos conturbados da história russa desde o início do século XIX a poesia sempre foi profundamente atuante, participativa, desde os enfrentamentos com a autocracia czarista de Púchkin e Lérmontov, ao engajamento (e posterior decepção) dos poetas de vanguarda no período revolucionário do início do século XX, com extensão à poesia sob ataque stalinista na União Soviética e, até mesmo, à poesia produzida nos

dias atuais, no conflituoso momento histórico russo. Citando o poeta russo Joseph Brodsky, “em certos períodos da história, somente a poesia é capaz de lidar com a realidade, ao condensá-la em algo que pode ser apreendido, em algo que, de outra maneira, não poderia ser retido pela mente”. Assim antes, assim hoje: ser poeta na Rússia é dádiva e castigo. Mas é, também, ser o portador da expressão máxima da identidade cultural russa.

Assim, dá-se entre nós a urgência de um dossiê cuja temática, ainda que ampla, seja a produção lírica russa, livre de escolas e de épocas ou autores. Intimamente ligada e essa identidade e à formação da língua literária russa, a poesia ainda tem um vasto campo de pesquisa e tradução a ser desbravado no Brasil. A terra de Dostoiévski e Tolstói legou-nos não somente o aclamado grande romance russo, mas também poetas cuja recepção já se encontra bem estabelecida em nosso país, a saber, Maiakóvski, Khlébnikov, Tsvetáeva, entre outros, graças ao precioso trabalho de tradutores como Aurora Bernardini, Augusto e Haroldo de Campos, Nelson Ascher, Boris Schnaiderman, para citar apenas alguns.

No âmbito acadêmico, há que se destacar ainda o trabalho de pesquisadores que têm se dedicado ao estudo e à divulgação de outros nomes do gênero, tais como Lomonóssov, Púchkin e Lérmontov, além de alguns mais próximos no tempo, como, por exemplo, Kharitónov. O dossiê surgiu, pois, do desejo de ilustrar um pouco do que vem sendo estudado na área, bem como mostrar a variedade de linhas de pesquisa. Além da diversidade temática e do amplo arco temporal que os textos abarcam, neste número reunimos artigos, ensaios, traduções, uma resenha e uma entrevista, compondo um dossiê cuja variedade nos oferece uma boa amostra da poesia russa sob o olhar de pesquisadores brasileiros e de outras nacionalidades.

Abrimos este número com o artigo « La poétique de Vasyl Stus », de um dos maiores nomes da eslavística ocidental, Georges Nivat, que nos apresenta a trajetória do poeta ucraniano Vasyl Stus, ainda inédito em português no Brasil. Com base em uma abordagem crítica e biográfica, o artigo estabelece paralelos entre a produção poética de Stus e as vicissitudes que ele enfrentou nos tempos soviéticos. Sua lírica majoritariamente produzida nos campos de concentração eleva a

língua poética ucraniana ao nível daquela dos grandes poetas europeus. A contribuição de Georges Nivat torna-se provocativa, dando voz ao grande poeta ucraniano justamente neste momento de trágica crise histórica, em que a própria identidade ucraniana é colocada em xeque.

Em seguida, retornamos às bases de um debate fundamental para a poesia russa. O artigo “O estabelecimento das formas poéticas na Rússia: as experiências de Trediakóvski, Kantemir e Lomonósov”, de Rafael Frate, ajuda-nos a compreender o estabelecimento da forma poética da literatura russa moderna a partir de um panorama dos debates travados na primeira metade do século XVIII acerca do sistema métrico adotado pela poesia russa.

Em um dossiê dedicado à poesia russa, não poderia faltar aquele que recebeu o epíteto de “sol da literatura” e que pode ser considerado o criador de uma língua literária nacional: Aleksandr Púchkin. No artigo “Penhascos e Abismos: a representação do mar em *A Tempestade*, de Aleksandr Púchkin”, Karina Vilela Vilara analisa o poema “A Tempestade” (1825), já traduzido para o português, considerando o contexto de sua produção nos anos 1820 e sua recepção no Brasil. A partir deste poema de apenas doze versos, discutem-se importantes questões semânticas e estruturais da poética do autor, assim como as repercussões da figura do mar na obra do poeta russo.

Na sequência saltamos novamente, agora para o século XX, com o artigo “Água, cimento e brita: um Maiakóvski de concreto”, de Rafael Bonavina, que parte do amplo debate acerca das relações culturais Brasil-Rússia no século XX, para levantar a hipótese, por meio de documentos e estudo da fortuna crítica, da inserção tardia da obra de V. Maiakóvski nas elaborações teóricas e críticas do grupo Noigandres, notadamente de Augusto e Haroldo de Campos.

O poeta Iessiênin é objeto do ensaio “Iessiênin de frente para trás”, de André Nogueira, que nos propõe uma introdução ao seu projeto de tradução, partindo de uma perspectiva diferente da habitual: ao invés de se concentrar no suicídio como evento seminal para a compreensão da recepção da obra de Iessiênin, o autor busca nas origens camponesas do poeta russo o esteio para o seu trabalho tradutório. O ensaio constitui uma apresentação para as traduções comentadas que integram a seção “Traduções, entrevistas e resenhas” deste dossiê.

A seguir, o artigo “Recortes da vida em versos: ‘Villebois e outras coisas’, alguns versos de Evguêni V. Kharitónov”, de Yuri Martins de Oliveira, apresenta ao público outro poeta ainda pouco conhecido no Brasil. O artigo baseia-se na obra de inspiração autobiográfica “Villebois e outras coisas” (1973). O artigo articula-se em torno da tradução inédita de cinco poemas dos vinte e cinco que constituem a obra. Por meio dos versos de Kharitónov, é possível ter acesso a um imaginário e a uma poética reprimidos e praticamente apagados no regime soviético: a homossexualidade.

Na seção “Traduções, resenhas e entrevistas”, o dossiê traz um texto sobre um importante lançamento recente do mercado editorial brasileiro. “Uma nova tradução de *Evguiêni Oniéguin*”, de Gabriella de Oliveira Silva, faz uma leitura da tradução do célebre romance em versos de Púchkin, feita por Rubens Figueiredo. A seção de traduções apresenta a contribuição da renomada tradutora Aurora Bernardini, que traz ao leitor da *RUS* o poeta Vladímir Solovióv por meio de cinco poemas em traduções poéticas inéditas. Já Iessiênin retorna nas belas traduções poéticas de André Nogueira. Dos versos para a música, sem sair da poesia, a seção conta também com as traduções das epígrafes poéticas de diferentes autores russos que acompanham as doze peças de *As Estações*, de Tchaikóvski, vertidas por Aleksander Zhebit. O dossiê traz ainda uma entrevista com o poeta contemporâneo russo Viatchesláv Kupriyánov (1939), realizada em 2022 pela também poeta Liubóv Beriózkina e traduzida por Daniela Mountian, em que o escritor discorre sobre o desenvolvimento do verso livre (*verlibr*) na Rússia, a definição do gênero e a sua recepção no meio literário.

Numa passagem de sua obra em prosa *Viagem a Arzrum durante a campanha de 1829*, Púchkin comenta que buscar a inspiração sempre lhe parecera um capricho ridículo e absurdo, que ela deve, antes, encontrar o poeta. Sobre a importância do próprio gênero lírico, juntamos as palavras de Brodsky, novamente, às de Púchkin, referência declarada do poeta do século XX: “uma sociedade que não lê poemas se rebaixa a um nível de expressão que faz dela uma presa fácil para o demagogo ou o tirano. Para a sociedade, isto equivale ao esquecimento”. Esperamos, então, que este número da revista *Rus* inspire

pesquisadores, tradutores e leitores de poesia, e que a presente coletânea de trabalhos amplie ainda mais os debates com aqueles que já se dedicam aos estudos do gênero, ensejando futuros projetos. Por fim, agradecemos a todos os que contribuíram, por meio do trabalho coletivo e generoso, para a materialização deste dossiê: autores, corpo editorial e pareceristas.

Por fim, neste número dedicado à poesia, não poderíamos deixar de registrar os 130 anos do nascimento de Vladímir Maiakóvski, talvez o poeta russo mais conhecido no Brasil. Em sua magnitude, comemora-se ainda um duplo jubileu: os 100 anos da publicação daquela que ele mesmo – e diversos críticos renomados – consideraram sua obra-prima: o longo poema lírico *Sobre Isto* [Pro Eto]. Que as páginas deste dossiê dedicado à poesia sirvam também de homenagem à voz de todos os poetas que cantam a realidade a plenos pulmões.

Desejamos a todos inspiração, voz e boa leitura!

